Gabriel da Costa

Latumia

Palantir

Uma torrada com gosto de papelão, um gato se aninha entre raízes, rios de vozes flutuam em soma, tenho vontade de cravar meus dentes em sua garganta, na sua garganta, tenho vontade de-

você olha pra mim, você cospe em minha boca, você me pergunta se "na minha cadeira ou na sua"

Você me fala sobre "Bloco do eu sozinho" "É burguês, mas é bom"

Vômito. Enquanto meu corpo se dobra ao avesso, lembro de estar extremamente confortável, pois aquele era também um estado de não pensar, de se dissolver em nunca.

"Postura de chefa, chefa, chefa, chefa

Chefa, chefa, chefa

Postura de chefa, chefa, chefa, chefa

Chefa, chefa, chefa

Postura de chefa"

Gustavo Lima era seu oráculo. "Gustavão". Subiu o alto de seu monte greco-goiano e lhe deu o boné como oferenda. Arrependimento. Ele amava aquele boné.

Eu coloquei a apresentação do Milton & esperanza spalding pra tocar, cansado e com um pouco de sono e fui adormecendo enquanto ainda ouvia.

Me esquecia de mim

Como se a música ocupasse todo o espaço

E eu não soubesse mais falar

Não precisasse

O princípio do prazer e o princípio de realidade são instâncias em conflito que se retroalimentam.

Todos giram e cantam. Ela desce para dizer o que precisa ser. Somos neblina. Estou feliz e entre amigos. Sentamos no chão, comemos feijoada.

Faz aquela do copo, aquela da aliança no copo. Eu fiz e deu que ia casar no ano seguinte. Eu tinha 16. Casei com 17

Não sou eu, eu não sou eu. A tela me absorve. Feel, real, deal, steal, heal, reveal, thiel, thiel, thiel... Sou um soldado, meu corpo se move. A tela do celular exibe uma contagem de mortes.

Meu fi, gosto não. Tô gostando não daquele A casa do patrão. Se fosse umeno que nem big brother.
O cigano me diz que a ritualistica do direito e da religião, o "role-play", são irmãos.
Estar vivo, me sentir conectado, sentir que tudo vale a pena, sentir que amo meus amigos, sentir o sol no rosto.
Ela pergunta se meu pau sobe.
"Eu só venho tentando, só venho tentando sobreviver, sabe, galera." Ele diz após estar observado como em "O processo"

Gabriel da Costa e Silva

Latumia

Aviso de conteúdo sensível: Este texto contém conteúdo sensível que aborda temas como saúde mental, sexualidade, memórias traumáticas, uso de substâncias e experiências de dor física e emocional. Recomenda-se a leitura com cautela, especialmente para pessoas em situação de vulnerabilidade psíquica.

São 05:57 da manhã. Vapores nublam o ar. Minha cabeça dói em insônia, o branco dos tijolos acende minhas pupilas como se as queimasse. Estou pelado, semi morto. As vezes esqueço que sou homem, meu corpo me faz o trabalho de lembrar. O que tenho no meio das pernas também. "O quão quebrado você tem que ser pra gostar do cheiro do napalm no café da manhã?" Você faz pedagogia, você riu de alguma coisa que eu falei, achei sua voz tão doce. Estou em uma trincheira, ainda dentro daquele buraco que eu caí quando era mais novo. Ele me fala sobre seu fêmur, me fala que foi atropelado por um ônibus. As pessoas me contam essas coisas, eu acho engraçado, é como se, me dizendo sobre o que perderam, se fizessem mais parecidas comigo. Ao sair de casa vejo uma trilha de formigas. Um karaokê envelopado com o rosto do Roberto Carlos, um congresso sobre cuba. Vejo um pescoço, vejo costas nuas, lindas. Você me diz que já filmou o embaixador da Suécia e que amanhã vai, talvez, filmar o Luan Santana. Você acha que eu sou criança também e pergunta se eu quero brincar. Digo que sim. "A luz dos olhos devora tudo. Ser visto é quase morrer". Na UERJ, uma pessoa acabou de pular do 8° andar, as aulas continuaram."Bota aí baixinho, bote aí uma pra ele, eu já ia embora, mas agora, com uma celebridade dessa, não tem como." Vejo um pôster do Marcos Mion sem camisa, isso me assusta um pouco. “A chuva tá viva. A chuva tá viva.” São 05:57 da manhã e tenho medo, não sei ainda se acordei. "Palavra bonita, né? Orgasmo. O-r-g-a-s-m-o" Quebrar macarrão, quebrar macarrão na frente de um italiano, dizem que é crime. São 05:57 da manhã e eu vejo pessoas em desenho

animado. Na tela, caminham, variam, deformam. "O que é 'nuance', pai? A palavra nuance, o que significa?"O cobrador tem uma caixa de música a tiracolo. No ônibus, o brega ecoa, vejo um flamingo de porcelana. Ela saúda a Jurema sagrada, consigo ver no seu olhar que a pessoa que estava diante de mim era outra, não era mais minha tia. Ela diz que estar vivo é um dilema de ser e conseguir estar. Legenda no Instagram é gênero literário? Legenda, sabe, tipo de aniversário. Estou no chão do meu quarto, escorro. Sou uma sopa de sangue, pele, ossos. Uma flecha na água. "O tempo é uma cobra que não tem pescoço" Me levaram até o galpão da oficina, um lugar extenso, cheio de carros, revista de mulher pelada colada na parede, faíscas saltando o ar. No centro, havia um mini kart, um carrinho ligado a uma bateria. Você me disse que bastava pisar no acelerador, mas meus pés não respondiam, não funcionavam. O kart avançava alguns centímetros, o motor chiava, a máquina se movia, mas logo vinha o engasgue e meu pé, inútil, não conseguia permanecer firme no pedal. "Quando a gente para de desejar?" Estamos todos chapados, o acaso me reserva surpresas, me sinto dono das minhas palavras e a minha imagem e o meu olhar são como a cola um do outro. "Um macaco, pô. Em caras e bocas. Um macaco dirigiu um carro e a Elizabeth Savalla no passageiro" Ele me diz que tenho energia nas mãos, me diz que sou energeticamente carregado, acho curioso. Perfume, cheiro daquele perfume. Vai querer, senhor? Vai querer sua via? Via sim, tô dizendo que ela me via. Dava pra ver. Ainda mais os olhos dela, olhos de mulher, olhos bem grandões. Grandões e lindos. Meu pai me beija na testa, me beija como uma assinatura, como se o amor tivesse que gravar-se pra que não esqueça. Dizem que só aquela pessoa que recebe muito amor, que não tem a menor dúvida dele e cresce sabendo disso com clareza, reconhecendo-o, essa pessoa é a que não tem medo de ser ridícula. Dentro daquele banheiro químico o som é como uma dobra. Estou de volta a mesa, alguns desenham suas tags, o beck gira, Brasil tira tarot: 4 de copas, dama de copas, 10 de espadas. Vou ser arrebatado por uma mulher, destruído. Foi assim, foi como detetive: Ela foi lá, foi lá num dia em que ninguém daria falta, pediu pra ver a lista dos últimos visitantes e estava lá. Os dois nomes assinados. O dele e o dela. Quer dizer, o dele e o da outra. Foi assim que descobriu que meu pai a havia traído. Outra. Outra dose, por favor. Por favor, doutor, eu vou poder? Eu vou poder sair daqui ainda? Ainda lembro que me trocavam habilmente, mesmo deitado. "Será que pega mau falar sobre

masturbação?" Na palavra “viver” a visão está em dobro. O papa morreu agora. "Sem sol", de Chris Marker, me faz voltar ao sonho. Me lembro de uma piada em que tinha um mineiro, aquela manjada, aquela das duas vaquinhas. Leio um pedaço do flecha. "Um homem leva a mão ao peito e repete quatro vezes o nome do seu irmão”, um Uber me conta sobre como, uma vez, ofereceram pagar a corrida com sexo. Vejo seu rosto, não nos encontramos muito, mas sempre que isso acontece há algo de dócil, algo que me faz curioso em saber mais. Você me fala sobre uns croquis, sobre uns desenhos que precisa fazer, e eu escuto com atenção. "é verdadeiro o mundo gravado nas palavras?" Diz um dos moradores da zona contaminada em Tchernobyl. É verdadeiro o mundo das palavras? Será que é? Ando pensando muito sobre isso. Meu sobrinho vê as bananas menoreszinhas, diz que é a "banana-filho" esse é o nome dela, pois é pequena. As frutas maiores, por sua vez, são o papai e a mamãe, óbvio. É tão simples e lindo o mundo das crianças. Você passa por mim no corredor, há um olhar inesquecível, olhar de choques elétricos. Será que todas atrizes são assim? São 05:57 da manhã. Sou pequeno. Uma delas coloca aquele recipiente de metal entre as minhas pernas, é frio, seus dedos enluvados parecem morte, uma morte gelada. O tempo mal passa até que uma delas segura o meu pênis e o aponta para o lugar onde eu devo fazer xixi. Água quente banha o meu corpo, fervendo. "Passa babosa, babosa é bom" Não doeu na hora, mas a pele já dava sinais que não seria mais a mesma. "Tenho um filho agora, Gabriel, vou ter. Aquele dia lá que você tava lá, aquele dia em que você se queimou, foi quando minha mãe morreu" Há um homem tocando triângulo, outro murmura amores e xingamentos sobre a mulher. Meu amigo pede uma dose pra mim e outra pra ele, me diz que "agora é outra vida, outro olhar." E o teu menino? eu pergunto. "Tudo que eu gosto, ele gosta." São 05:57 da manhã. Lembrei das músicas que ouvia falando seu nome, lembrei que lia mais poesia, lembrei que todo o meu horizonte era encontrar o amor nas coisas, porque eu entendia que amar as coisas era, por consequência, um jeito de estar mais próximo de você. De longe, meu pai chega, está um trapo. Nunca o havia visto daquela maneira. Nós havíamos lido nos jornais, sabido a dor, sentido, mas tudo muda quando se está na hora do adeus. Cinco garotos em um mesmo quarto, eufóricos. Eu descobri que, entre uns exemplares de “Tex”, ela guardava algumas revistas eróticas. São 05:57 da manhã. Você sobe no meu colo, se aninha, deita, sendo um rio vivo e calmo de calor. A

melhor sensação do mundo é saber que um animalzinho te confia a vida. Estava no Tinder e você disse que eu não precisava fazer nada, que você faria a coisa toda, que ia sentar em mim, eu acho engraçado. Sou criança, estou frente a frente com uma mulher, psicóloga, eu acho. Nós conversamos rápido, ela me faz perguntas como se eu fosse um idiota “Você ama seus pais?” “O que acha deles terem se separado?” Se eu respondo ela anota, mas se eu não respondo, também anota. São 05:57 da manhã. Você estava linda falando sobre Erick Rohmer. Vi pouco desse diretor, mas duvido que ele tenha capturado coisa parecida. São 05:57 da manhã. O pano azul voa, içando-se em leveza com o sopro do ventilador, escuto de novo "Caça a raposa", lembro que você me abraçou, lembro que me senti amado e descobri que amor não era só lascívia como os homens me contaram, mas era também gentileza de mulher, um abraço quente. A xícara fumegava, lembro de ouvir Cátia de França, lembro de me perguntar o que eu estava fazendo da minha vida naquela altura, ainda atado ao seu olhar. São 05:57 da manhã. Estou em um quarto desconhecido, um homem igualmente desconhecido me entrega uma castanha do Pará, e enquanto mastigo, me explica o que faremos a seguir. Me explica que aquele livro em suas mãos se chama "I-ching" que eu deveria apenas jogar algumas moedas e pensar em algo. Você chegou com o celular no bolso, eu estava de costas, mas consegui ouvir a música que tocava, consegui ouvir os acordes daquela banda paraibana chegando perto. Lembro de pensar sobre como seria legal beijá-lo e lembro de ficar chocado com o fato de que, horas depois, isso realmente aconteceu. São 05:57 da manhã. Seu cabelo azul acende, seu rosto está coberto por uma máscara. Gripe. Quero ouvir mais a sua voz, quero chamá-la pra conversa, nem que ela consista em você lendo manual de um ar-condicionado LG 12.000 BTUs. Estou no ônibus, você me entrega uma bolinha transparente minúscula, diz que faz um curso de aromaterapia, eu automaticamente penso que deve ser algum tipo novo de pesudociência, você diz que eu devo por na boca e esperar, esperar a bolinha partir e a fragrância se espalhar. Por um breve momento me passa pela cabeça a imprudência que seria aceitar, vislumbro a possibilidade daquilo ser veneno, penso que seria bem idiota morrer assim. Aceito. Havia gesso em minhas pernas, eu era um homem carapaça, fui deitado numa maca e o médico fez o que devia com uma trivialidade assustadora, fiquei com medo, senti muita dor, talvez uma das maiores da minha vida. “(...) Aquilo que eu deveria abandonar para me

tornar homem” Vejo o fogo tomando conta do palco, ouço as palmas. São 05:57 da manhã. Você me olha, você lembrou que li seu artigo, isso fez o meu dia. Fomos ao parque, aquele jogo de espelhos, de luz e sombra, aquela mulher virando um monstro através da luz em dobra...Aquilo me assustou, mas eu fiquei encantado. Estou na biblioteca. Um homem olha para os lados e, como quem está prestes a cometer um crime, abre um livro no meio e o cheira fazendo um mini barulho de prazer. Penso sobre o fato de o livro que estou segurando, bem como todos os exemplares daquela biblioteca, provavelmente já terem sido vítima de suas narinas. Esse pensamento me faz rir. São 05:57 da manhã. Você tem feições meio ambíguas, nem homem, nem mulher, mas acho lindo. Você veste um casaco de couro estiloso, você passa por mim e mostra a língua como um menino travesso. Escrever é ser mistério. Você diz que vai me levar ali "no puteiro". Eu era criança e não conhecia o significado da palavra “puteiro”, mas fiquei com medo quando entendi sobre o que se tratava. Você é uma maçã do Magritte, bem no meio do rosto, você é uma elipse. Vejo “Pai e filha” do Ozu e penso sobre como é eterna a distância dos pais e dos filhos. São 05:57 da manhã. Você me diz que o melhor jeito de escolher um abacaxi é dando batidinhas, “o abacaxi bom de comer tem barulho diferente.” Há um muro entre nós que aprendo a quebrar, mas o tempo sempre dá um jeito de refazê-lo. Você me manda uma foto sua de 97. Ainda não parecia a minha mãe, mas já era linda. São 05:57 da manhã. Ao fim da peça eu te dou um beijo na bochecha, fiquei pensando se não deveria tê-la pego pela cintura, beijado, feito como nos filmes. São 05:57 da manhã. Lembro do perfume que eu odiava quando criança, lembro do meu cabelo cortado quase que totalmente. Faz um tempo que não me olho no espelho. Você me entrega um pedaço de fruta cortada, eu pego com uma mão, e um copo de cachaça, que bebo com a outra. Você me dá um beijo, eu me enterro na escuridão, o Uber me leva até em casa. Estávamos os dois no mesmo quarto, era escuro, você pega a minha mão e coloca entre o sutiã e o seu seio. Há um dado gigante no centro do palco, há uma platéia observando. A voz do homem explode em animação, seu rosto se esconde em tinta e palhaçaria. "E então bonitão, diga para essa platéia, diga qual o seu nome. Gabriel. E aí, o que você vai querer, Gabriel?" diz o rosto-palhaço enquanto aponta para o dado comicamente grande. A poeira subia, você usou a gíria “Fraga” pra comentar algo e logo em seguida me deu um pouco da sua caipirinha. Eu entrei

numa salinha parcialmente iluminada, tudo era branco, estou deitado de bruços, uma mulher conversa comigo e, sem me tocar, passa as mãos pelo meu corpo como se direcionasse pra ele algum tipo de energia invisível. Estamos naquele lugar, uma espécie de “bar de pai roqueiro”, onde iam os quarentões, os jovens estranhos, os fãs de Rockabilly e quem mais quisesse se aglutinar na mesma massa humana e sonora. Rudy “Tutti” Grayzell estava no palco. São 05:57 da manhã. A hora morta. Nem dia, nem noite. Eu estou em cima do seu corpo. Nós dois não sabemos muito o que fazer "Tô falando, o 7 é uma cópia, uma cópia mal feita do 4". Ele apontou para o meu pés tortos e então começou a andar de um jeito estranho, andar e rir. Eu estava brincando, não sei do quê, acho que perseguia algum inseto, seguia algum barulho. A porta estava entreaberta, dela jorrava um filete de luz, eu abro sem saber o do outro lado. São 05:57 da manhã. “Tá fazendo o que, Biel? Tô escrevendo.” Você estava estressado, entrou na coxia uma pilha, mas eu não fiquei com raiva, sabia que você seria genial. Sou de novo menino. Eu lembro de pensar que não fazia sentido, num dia como aquele, não fazia sentido tudo ser tão calmo. Eu lembro de estar perseguindo aquele som imaginário e, enquanto abro a porta, pensar que eu seria amigo do espaço ainda desconhecido, que tomaria ciência de cada mancha na parede e cada risco no chão. Eu acho engraçado que você sempre termina as frases com uma pergunta, sempre diz "Tá entendendo?" ou “Entendeu?” Eu abro a porta e, para minha surpresa e medo, vejo um corpo completamente nu. Nossos olhos se encontram , o outro lado ri e tenta, em vão, esconder-se em gestos débeis, lençol de nada. Eu me viro rápido, quase por instinto… São 05:57 da manhã. Lembro que você me explicou toda a saga, toda a história de “Entrevista com o vampiro”, mas fiquei com medo de pegar o seu contato. Você ainda tem os olhos meio que chorosos, fundos, consigo ver você pensando sobre o que aconteceu e depois voltando pra a terra, voltando pra conversa. "Contato, entendeu? Contato. Mão com mão, pele com pele. Não tem isso mais." Estamos na mesma peça teatral, só que eu sentei algumas fileiras antes de você. Está escuro, o brilho do celular me engole por um um segundo até que eu consigo abaixar. Mando mensagem pedindo que você sinalize onde está, há música e dança no palco, estímulos e luzes. Você acende e desliga a lanterna como que numa mensagem em código morse, como um corpo interrompendo e recomeçando o fluxo sanguíneo, eu sigo a luz na escuridão. Você coloca maquiagem no meu

rosto pra tentar esconder o sangue e os arranhões da queda na noite anterior. A gente se via toda semana, agora mal lembro seu nome. Meus dedos doem, são 05:57 da manhã. "Montarias freiam, dentes brancos: Terminou"

Gabriel da Costa e Silva

Dispositivo

Vejo um corpo se mexendo, sua, disforme, passeio entre um tempo e outro. Estamos numa sala, os múltiplos futuros são contingentes, minha boca é seca, há um peso palpável no ar, pegajoso, não se sabe mais pra onde ir. Você diz que ainda não conseguiu tomar conta da cidade, não deu tempo de se territorializar, você diz que odiaria se encontrar consigo mesmo, se entrevistar, você diz que conseguiu confrontar seu irmão, você me chama de comunista. O corpo continua girando, antes disso nós tínhamos caminhado por lugares desconhecidos por mim, você foi me contando suas viagens, foi me dizendo os descaminhos em que esteve se perdendo. Queria ser uma palavra. Sinto náuseas, meu corpo mal se mantém sem me abandonar. Uma moça tenta acertar a lâmina d'água na abertura da garrafa, uma criança tropeça, mas em tempo, seu pai a ajuda. Um poeta me reclama que as pessoas não lêem mais. Uma senhora fala sobre o cheiro das cascas de laranja, me diz que lembra a infância. Lembro que, mais do que nunca, memória é perfume. E se eu não for eu? Sinto que uma palavra tem som próprio. Se eu fosse uma palavra, queria ser uma dita só as vezes, uma daquelas não-ditas, proibidas, uma que ruboriza e esquenta o corpo só de chegar no ouvido outro. Queria ser uma palavra que ainda não foi gasta pelo hábito. Queria ser meu pai quando disse que me amava. Queria ser o menino Bento que brinca e dorme nos meus sonhos, limpa o nariz com o braço direito e brinca com as pedrinhas coloridas. Que está vivo, mas ainda sem dar por isso. As palavras são amoladas pelo vento, significados são tiros a esmo. Varando poros em ecolalias, temores ainda os mesmos "Aquela esperança de tudo se ajeitar" É uma cachoeira de haikai. A urina escorre quente pelo seu Rosto, rosto, pele, pele. Eu sou uma mancha. Não sei mais me comunicar. Será que é isso que garante que eu existo. Saber falar ? "Pode esquecer" Ele falou que você era o seu pai. Investimentos libidinais no outro como uma extensão de nós mesmos.Um ritmo absurdo, sinuoso, que esquenta o corpo As metáforas de azul também são legais que são sobre você sendo absorvido pela natureza. "Baixei o Tinder só porque estava de pau duro". O grito de gol fica preso no peito. Ele lhe disse sobre choque geracional. Você me mandou música cubana, eu estava altamente chapado. E um tecido que vai cobrindo a musica, enquanto deixa o que

tem dentro se mexer. Você ri pra mim. Altivo e parado. Eu lembro de novo daquilo que compunha a minha opinião, lembro do mini caracol que escolhe uma concha maior e o seu vestido amarelo.

Gabriel da Costa e Silva

Outras coisas

Nos olhamos, desescondemo-nos, sonho que morro de um jeito horrível, você coloca o patuá em meu pescoço, você diz que ainda me ama e que teria lá espaço pra mim, você me serve uma dose de matuta, nos abraçamos, sinto que algo está prestes a terminar. É difícil escrever rimas limpas, eu escrevo pra me sujar. Eu desço a ladeira e te vejo de relance, lembra que combinamos de ir até o Rio de janeiro? Não tenho tempo pra dizer que ainda te amo, nossa amizade agora é esse jardim para os pombos. Você é uma médica no INSS, seu papel é me olhar e dizer que meu corpo não é como os outros. Assim o faz, algumas plásticas congelam sua expressão e tenho vontade de rir. Os poemas que sei de cor são amigos íntimos. Você tem o corpo gordinho e sorri pra tudo, quando você crescer pode me ensinar a ser criança? Nós bebemos mais, a essa altura eu já contei todas as mentiras e verdades que conheço, meus melhores motes, minhas menores metáforas. Eu me lembro que estou em queda livre, eu me lembro que "Aqui oh" do Toninho Horta varre as minhas memórias, eu me lembro de ver "Django livre" deitado em seu peito, eu me lembro que nós inventamos uma palavra juntos, mas agora não sei o que significa. Vocês dizem que eu flanava com meus pezinhos tortos, fazendo ainda menção de andar. Você lamenta o que poderia ser, mas esse futuro nunca foi meu. Você promete, promete que se me esquecer vai me contar? Uivam os fantasmas de mim mesmo.

Gabriel da Costa e Silva

.

Faísca

É noite. No quarto ao lado, transam.

Eu dou um gole no café. Feito há quatro horas atrás, tem gosto de ferrugem. Vai me dar azia, eu sei. Na Netflix, "Drive my car" está passando. Estou gostando, tem um ritmo que me agrada, fico pensando no figurino dos personagens, na decupagem das cenas, se consigo aprender algo sobre a história com esses detalhes. Lembro de ter lido um texto há algum tempo que apontava o fato de as histórias de Haruki Murakami serem sexistas. Lembro de ler "1Q84", só dois volumes. As personagens femininas são mesmo mal-escritas.

Sinto um buraco enorme no meu peito e pauso o filme. Tenho vontade de chorar. Lembro que estava pensando numa história sobre um silo, um homem que ficava preso em um silo e aí se afogava cada vez mais naqueles grãos, um monte deles, ele conseguia sentir seu corpo sedendo e afundando, seu tórax não podendo mais se expandir pra respirar, suas pernas dormentes. Eu pausei o filme porque vi uma cena que me lembrou de uma pessoa que gosto muito. Ouço a porta do quarto ao lado abrir, passos, ouço a água do filtro descer e ser bebida, sinto a minha barriga ser cáustica e lembro do café velho que não deveria ter tomado. Vou até a pia, jogo fora.

Há vários perigos quando se está dentro de um silo de grãos. Além do óbvio, claro, de cair ali dentro e ser tragado para o fundo, há também o risco de explosões. Os gases acumulados ali dentro são altamente inflamáveis. Uma faísca, mesmo que mínima, tudo explode. Morrer queimado deve ser muito ruim. Eu lembro de pensar sobre essa história, porque imaginei se a temperatura alta durante a explosão transformaria os grãos lá dentro imediatamente em pipoca ou não. Isso é um pouco mórbido. Amanhã, assim que eu acordar, vou ouvir uma conversa sobre o melhor jeito de se matar um escorpião bem grande. Primeiro você dá uma chinelada, (cuidado com o ferrão), depois você joga álcool no bicho e faz o fogo queimá-lo. Sinto que a minha escrita está ruim, não se move, não há calor.

Calor.

Hoje já é outro dia. O dia seguinte. Outra noite. Faltou luz agorinha e o calor vai, lentamente, vestindo o meu corpo. É tudo escuro.

Com a lanterna jorrando um fio de claridade para as páginas, leio um pouco de "Quarto de despejo". Que livro precioso. Que livro! Carolina Maria de Jesus escrevia mesmo as coisas como eram, escrevia de verdade. Não é que nem eu. As vezes acho que vou morrer, mas me dá uma tristeza a ideia de morrer sem ter escrito muito. Não falo sobre ser lido, mas escrever mesmo, saber que o meu corpo está contido entre o mistério das minhas palavras. Se as pessoas vão ler, aí já é outra história.

Acho engraçado como agimos nesses momentos em que as coisas não saem como deveriam, como nossa mania de contar histórias nos carrega em qualquer tempo. Minha prima viu a hora em que pegou fogo o poste, o que fez a luz cair e narrou como as faíscas saíram, narrou os passos de antes de explodir e os de depois quando a luz nos abandonou. O curioso é que mesmo a gente tendo presenciado a mesma situação, escutamos, conjecturamos e também reviramos a mesma história. Queria ter visto o fogo.

Estou muito ansioso. Não pela falta de luz, não me afeto com isso, não me importo muito. Já estava ruim antes do escuro tomar as coisas. Acho que agradeço por ainda restar bateria no celular e poder escrever. No escuro, quando faço bem pouquinho barulho, quando respiro e me movo quase nada, parece que eu nunca existi. Mesmo de olhos abertos ainda é escuro.

Parece que estou preso em um silo, parece que, cada vez que respiro, consigo respirar menos, que cada vez que peço socorro, consigo gritar com menos força.

Estou com essa história na cabeça, essa história dessa pessoa presa num silo bem grande. Isso foi depois que li na internet um relato sobre uma empresa de soja, ela demorou pra decidir esvaziar o depósito depois que um trabalhador ficou preso. Se recusava, o prejuízo ia ser alto. Imagine só, imagine a loucura, a crueldade que é

você precificar uma vida, hesitar em salvá-la. E pra quem está confinado, imagine que aterrador e claustrofóbico.

Talvez eu deva dormir. Guardei um chocolate para comer depois e ele já está um pouco derretido. Sinto que essa crônica se recusa a terminar, sinto que quando eu o fizer, deixarei pelo caminho alguma coisa que me é essencial, só não sei ainda o que.

Gabriel da Costa e Silva

Um Conto de Natal.

É natal.

Meu irmão retira da mochila um pequeno com uma coisa verde dentro, é um verde incandescente que definitivamente não brotou da natureza. A coisa era do tamanho da unha do meu dedo mindinho e formava a figura do Hulk.

Ele fragmenta o hulkzinho em pequenas partes e me dá uma, diz que vou sentir um gosto amargo. "Só isso?" Eu questiono. Ele diz que é assim mesmo, pois a coisa é forte, deve ser em pequenas partes. Com um pouco de guaraná engulo tudo de uma vez, o som e a imagem deslizam pela minha garganta, se reconfiguram. Lá fora as pessoas já começam a chegar e tudo se prepara, o Natal se arranja. Há aquela sensação no ar de que em algumas horas faremos o que sempre fizemos: Devorar vorazmente um banquete, se abraçar, contar piadas sobre pavê, cantar parabéns pra Jesus Cristo, essas coisas. Paira uma solenidade meio engraçada. Eu adoro esses rituais. Não eles em si, mas o modo que nos organizam em circunstâncias específicas, nos vestimos em cores tais, performamos civilidade e tolerância... Tudo é um pouco mais moral que antes.

No momento em que sinto o Hulk lisérgico descer pela minha garganta, eu lembro que esqueci de algo importantíssimo.

O amigo secreto.

O que tem demais nisso? Nada. Nada em circunstâncias normais.

Mas estar com as sinapses fritando ou sei lá mais o que que a neurociência explica, sendo olhado, observado, JULGADO pelo protocolo de todos na hora da troca de presentes enquanto derrete por conta da balinha mágica, tenta concatenar palavras, não era algo que eu tinha calculado.

Obviamente tem todo aquele momento de se dar pistas sobre quem é a pessoa, mas sem revelar, contar uma piadinha engraçada, coisas complexas demais pra minha cabeça naquela hora.

Em 30 minutos eu olho no espelho e vejo que minha pupila ziplock começou a dilatar, são olhos gigantes como jabuticabas.

—Já tinha tomado antes? — Meu irmão pergunta.

— Não

A ansiedade começa a crescer e eu fico pensando que talvez tenha escolhido a ocasião errada pra ter aquela experiência. "Meu amigo secreto é, ele é... homem." Tento montar um roteiro na minha cabeça. Me tremo como quem está em hipotermia, decido ir tomar banho, penso que vou morrer, mas ao mesmo tempo divago sobre o quão engraçado é tudo aquilo.

No banheiro, a água cai sobre a minha cabeça enquanto rio sem parar. Ironicamente, na festa, eu sou o único a vestir preto, mas só percebo depois. Nós vamos até o quintal, eu e meu irmão. Conto histórias, coloco aquelas músicas antigas, ele acende um baseado. Estamos mergulhados em escuro, vejo apenas o candente vermelho fogo. Não sei como será o ano daqui para frente, digo pra ele que fazia tempo desde a última vez que estivemos juntos.

— Você tá bem? — Ele pergunta

— Tô, foi só a brisa momentânea, mas passou. — Minutos escorrem sem nenhuma palavra, até que ele diz

— Tava com saudades.

Se me perguntarem qual a cor da felicidade na noite de Natal, eu não direi vermelho, nem preto.

A cor do Natal é verde.

—Vamos, é hora de trocar os presentes — Alguém grita de longe.

"Foi um truvejo c'ua zagaia só"

Um parágrafo grande não é bom, um parágrafo grande faz perder o fôlego, perder o tino. Não é bom pra ler. Começo a escrever. Os carros assopram barulhos difusos, Tânia Alves canta folhetim. Me desorganizo, pensamentos são lama, sou uma bússola com o ponteiro quebrado, meus olhos escorrem pelo vidro luminoso, minhas palavras não respiram, entre nós há uma redoma. Minha respiração se entrecorta, o prazer momentâneo chega nas extremidades, morro logo em seguida. No Japão, nos anos 50, descobriram que uma empresa despejou resíduos de mercúrio direto na Baia de Minamata. Minha mãe diz: "Sinto sua falta". Estou de novo criança e quando não olham, molho o dedo no copo de cerveja do meu pai e sorvo o líquido. Enquanto adulto eu penso que é um milagre o meu corpo se manter ainda humanoide por fora, quando por dentro, é pura carnificina. "É assim: você pega o pão, deixa bem picadinho, coloca cimento. Quando o rato comer o cimento, o negócio vai endurecer dentro dele, ele não consegue digerir e morre." Dou risada ouvindo aquela música do Jorge Ben "Umbabarauma homem-gol", acho a sonoridade desse nome maravilhosa. Quando eu era mais novo cantava errado, fazia um virundum dizendo "Umbabarauma Flamen-go". Vejo minha irmã por chamada de vídeo, vejo meu sobrinho. Lá fora, um estampido alto, duas crianças brincam com uma lata. Imagine, imagine entrar em um espelho, no momento seguinte ele se quebrar e não existir nem sinal do caminho de volta e não existir nem lembrança de se ter entrado. Acordo de madrugada pensando sobre isso, pensando no que aconteceria se eu virasse do avesso. Pense nisso agora, pense no que seria se você em si mesmo, fosse um caminho sem saída. Boriska faz um sino. O garoto é jovem tem uma tarefa absurda nas mãos: Arrebanhar, guiar uma equipe na forja dum sino. Me sinto como Boriska, me sinto andando por um caminho que desconheço, correndo na pura intuição, precisando dum segredo que nunca tive e incumbido de uma tarefa que nem sei se sei completar. É noite, o piso é frio, a casa é sem móveis, temos apenas uma TV de tubo grande e um colchão no chão. É São João, a antena sintoniza uma imagem opaca. "Quem foi, quem foi que desenhou... Caralhinhos voadores na parede do banheiro?". Observo a estática, vejo o cinza líquido da tela se desfazer e virar outra coisa. Meu cabelo anda caindo muito ultimamente. São 3 da manhã e acho engraçadíssimo "Serginho total", se trata de um programa de auditório das antigas, caótico, feito ali no improviso,

comandado por uma figura carismática. Me sinto mal por tê-la magoado, me sinto mal por tê-la magoado. "Drake vs. Kendrick Lamar: entenda a briga polêmica entre os rappers" Eu sei, eu sei fazer origami. É mesmo? É sim. E mais o que? Eu também sei tocar piano. Você é inteligente mesmo. Pois é, ano passado eu não sabia contar até mil, mas agora eu sei. Um parágrafo grande não é bom, um parágrafo grande faz perder o fôlego, perder o tino. Não é bom pra ler. O mundo precisa de menos inteligência artificial. Eu preciso acabar com essa dor no meu pescoço.

Gabriel da Costa e Silva

A hora íntima.

Estamos sós um de frente pro outro. Nada há para além de silêncio e fome. Não é fome de comer. Sua beleza ainda me estremece de um jeito que eu nem sei, de um jeito que eu nunca vi. Você veste uma roupa cinza com detalheszinhos cor de rosa. Os cabelos estão presos, e eu sinto que posso ficar ali parado tanto quanto der, emudecido. Poderia. Se não fosse estranho. E aqui é um parêntese interessante, nossa memória é ardilosa em alargar ad infinitum os momentos, fazer ser muito mais do que jamais foram.

A mesa à nossa frente está vazia como uma ceia reversa, a fome ainda está lá. A única coisa que sobra é nos servirmos da mútua companhia, é o limite possível de aproximação, mas há ainda um medo latente, uma mudez. Minhas mãos estão suadas e, mesmo o ar-condicionado gelando tudo por inteiro, o calor se pega a mim, vai se assentando, até enfim congelar.

Enquanto você fala, penso em perguntar se não quer pedir algo, mesmo já te conhecendo o mínimo pra saber que a resposta é não, que ali não ia servir nada que te saciasse, e que a minha resposta também seria não. Mas é só pra ter o que falar, pra sentir que a nossa relação não secaria tão precocemente, e ia virar o que sempre esteve fadada a ser, só pra fazer durar e correr evitando o silêncio do início. Seus olhos são grandes, grandes e lindos. Me dão um pouco de medo. Você mostra alguma coisa no celular e ri. Enquanto isso, eu olho pro seus olhos e penso sobre como os amo, e depois tenho vergonha disso, tenho medo de ser tão óbvio assim no meu rosto. Rosto que, diferente do seu, nada tem de mistério. Fracasso muito em me esconder de mim.

Na tentativa de esquecer dessa vergonha, falo algo que, acho, é minimamente engraçado. Mas quero mesmo é que você continue falando. Não, quero querer o mesmo que você, e ter, de algum jeito, o privilégio de saber o que é antes, que aí me antecipo em te decifrar, em te acolher. Os sabedores de relacionamento, os coaches, podem até me julgar, dizer que não é bem assim, que não funciona desse jeito, mas não importa. Não importa.

Lembro de “Jules e Jim”, em certa altura do filme um dos personagens diz que é um curioso, que aprendeu que ser curioso é a melhor das profissões. Pois, aqui se aplica também, eu acho. O melhor lugar pra estar é ser curioso do outro, antropólogo casual. É estar tão repleto de nós mesmos, que migramos até a "subida mais escarpada e a mercê dos ventos", que pra nós é na verdade, a melhor possível das montanhas, a melhor das subidas, mesmo que cair dali seja sempre uma possibilidade.

As coisas mudam um pouco. Antes, a dinâmica que me constrangia, de falar e uhum, entendi, e rir e ouvi-la, se acomoda em mim um pouco, até envelhecer e deixar de ser novidade. Sinto um pouco de desespero nisso, como se, em segundos, tivesse sentindo a coisa que sentem os que estão há décadas juntos e já não há mais o que ser falado, comentado, reiterado. Só que aqui é ainda pior, pois somos completos estranhos, completos estranhos que não sabem como deixar de ser.

Quase em desafio, faço um comentário ácido, engraçado, pergunto algo pra te tirar do prumo (O que não acontece. O que na verdade, só faz eu amar mais seus olhos, porque eles, porque você responde como uma tenista voraz, de reflexo impecável)

A essa altura, nós dois, na avidez de ignorar a tensão no ar, e a quase nula habilidade social, essa coisa de não saber ser alguém para ninguém além de nós mesmos, vamos catando no ar as piadas, as lembranças de um passado que um não conhece do outro, na ânsia de que, Isso de alguma forma seja compreensível, seja um passado comum a ambos, que nos aproxime o coração sem que a caixa torácica seja uma barreira.

Aos poucos vamos falando sobre os nossos próprios defeitos, segredos, dissolvendo-os na água pra machucar menos (como aquela música do Frejat), mas isso logo se torna um corredor estreito de azulejos brancos limpos, desinteressante, e vamos a coisa seguinte, que é falar dos defeitos dos outros.

Não, não é bem falar dos defeitos dos outros, é mais você lendo os outros de um jeito afiadíssimo, ao vivo, uma cronista in real time. O jogo é o seguinte: olhar pra alguém e imaginar quem aquela pessoa é. A vida inteira dela. Todos os detalheszinhos. Meesmo. Até os que fogem da maioria. Pensando agora é uma estratégia interessante, desviar a sufocante pressão de ser alguma coisa, colocar

isso a cargo do terceiro, aquele que não veremos mais depois. É como um crime, um crime necessário, e o fazemos sem remorso.

Por exemplo: ele carrega um embrulho, uma caixa, provavelmente é presente, pelo nome da loja é coisa pra mulher. Casado? Não, ficando. Não tem anel no dedo. O que tem na caixa? Ah, é um sapato, um sapato bem chique, sabe, aqueles de ir pra festa chique, beber bebida chique, e depois voltar com um calo bem chique no pé.

Eu acho a maior graça, acho maravilhoso. Me pergunto se você me leu desse jeito assim que me viu, ou se lê as pessoas todas que conhece. De novo penso como amo seus olhos, mais do que os olhos, amo tudo que ainda não conheço, amo a ideia de saber tão pouco sobre você, só pra depois poder saber mais.

Estamos sós um de frente pro outro. Lembro de novo do silêncio e se tem uma coisa engraçada sobre o silêncio, é que assim que o percebe já não há mais o que fazer. Só que esse agora é um silêncio novo, pegajoso, desidratado. Um que existiu depois de uma fatia generosa de não-silêncio, por isso, dói mais ainda que o primeiro.

Lembro da fome que ainda não passou, você se empoleira um pouco na cadeira, desbloqueia o celular achando as horas, e ensaia um "já vou", que eu consigo sentir chegando, bem antes de chegar. Recebo-o como uma criança que percebe que tem que ir embora da casa do amigo, porque já é tarde. Penso em dizer "fica mais", mas parecemos um pouco esgotados um do outro, como se, por um longo tempo, nada mais precisasse ser dito, e ainda na verdade, TUDO precisasse ser dito.

Sinto que faremos essa hora ser quase infinita, ser como cem anos, de estar num futuro próximo rindo e recobrando cada passagem, ângulo, detalhe. Sou um pouco temerário, sei que essas ocasiões são raras, que sabe quando outra vez estaremos só um pro outro de novo. Na hora íntima.

Você se levanta, rimos do ranger que a cadeira faz, como se o universo nos presenteasse ainda com uma piadinha final, um arremate, e então nos despedimos. Não lembro se me abraçou, ou pegou nas minhas mãos, mas lembro de vê-la tomar distância, se apequenar, até ficar cada vez mais longe e desaparecer. Lembro de pensar que, talvez, a felicidade, se existir, se pareça um pouco com isso.

Gabriel da Costa e Silva

A aranha de pano

Essa memória se depositou morta em mim até ontem, quando estou na rua e, por acaso , me deparo com uma aranha. Certamente não era a mesma, mas me serviu pra recobrar essa imagem de infância e escrever essa crônica.
Somos crianças.
Há um colchão estirado no chão e nós estamos nele.
Vejo uma aranha deslizar até a porta, ela anda num contorcionismo sedutor, como se seu corpo, suas patas, seu desconhecido, fossem um fogo tremulando em cada pequeno aproximar. Ela é tão grande que chego a pensar ser algum tipo de peça decorativa
Eu acordo primeiro. Acordo, vejo a cena, não alerto. Letárgico, explodo em observação. Inertes, meus dois irmãos dormem.
A aranha é grande, negra, um brilho incomum escorre nas bolotas dos seus olhos. Se aproxima devagar, como se contendo em si uma dança do ventre primitiva, estranha aos meus olhos, mas tão natural quanto uma cor que se mistura e se dissolve em hipnose.

Sinto vontade de perguntá-la como é ser uma aranha, perguntar se era venenosa ou se iria me matar e, se caso me matasse mesmo, como seria. Se eu ia sentir um veneno gelado e estranho caminhando nas minhas veias, se ia arder ou se, simplesmente, aquilo me paralisaria de tal modo, que estaria em poucos segundos como meus irmãos sonhantes.

Não perguntei nada disso, não saberia como fazê-lo. O branco dos azulejos lhe confere um contraste quase mítico, como se fosse o chão um tapete bordado e aquela figura alguma cena ancestral.

Vejo o que acho ser presas, consigo ver as patinhas e centenas de pelos brotando delas, a vejo caminhar com persistência até a beira da cama e eriçar seus pelos a cada novo estímulo.

Ainda entre-sonho e só de cueca, a figura de meu pai surge na porta.

Sem hesitar, ele derrama um pano vermelho sobre a pobrezinha, faz com que se envolva em véu e vermelhidão e continue sua dança agora com aquele céu-tecido-prisão, uma teia estrangeira.

Não recordo o teórico, talvez Lecoq, que falava sobre a alegoria da serpente de pano, que animá-la era um movimento, era prover as coisas de fluxo. Essa aranha, coberta daquele vermelho, era em mim aquela ilusão.

Eu não sei de onde surgiu o martelo, a essa altura a aranha já fora engolida pela interrupção de seu caminho e se movimentava como se o pano e o seu próprio corpo fossem um.

Meus irmãos, agora acordados, não entendem o absurdo. Eu daria tudo pra ter em mim esse susto. Imagine acordar, as cores e a realidade ainda se firmando na retina, a sua primeira visão é a de um martelo erguido no alto, de um pedaço de pano vermelho se movendo sozinho. Pra eles, eu acho, aquilo se confundia com um resquício de sonho. E então veio a dureza. Ouvimos um som gelado, abafado e seco. O pano vermelho se desanimou.

Ouvimos silêncio.

Gabriel da Costa e Silva

Alma sebosa

Horas atrás meu corpo foi coberto por água fervente, estou sentado enquanto um sedativo flui pelo meu corpo. "Chove água benta no dia em que ele nasceu." Amém pelo dia ameno, amém pelo dia ameno, você me diz no passado. Eu vi três luzes fulgurando no céu, você me puxou pelo meu umbigo. Pode boi nadar? Será que pode boi nadar? Eu corria na água sem firmeza, pois meus pés eram moles, moles. Não, corria não, rastejava. Tudo era suor. Você me ouviu gritar e se foi, eu a olhava de baixo para cima, eu ralava meus joelhos. Eu era eu. Tinha o cachorro, um enorme e já moribundo que deixava seus chumaços de pelo pela casa. Enquanto eu ardia pedi que dirigisse com cuidado, pois embora eu sentisse dor, seria absurdo morrer num acidente de carro. Enquanto eu era criança via as gotas escorrerem pelo vidro. O senhor me perguntou se não queria que ele desse uma carona aos meus amigos, eu disse que não. Enlouquecer as vezes é estar certo pelo avesso. "Da cana, mesmo moída e esmagada, não sai nunca sangue, sempre doçura." Eu observo lentamente meu quarto estar invadido por água, estou em uma caixa de papelão, brinco de submarino. Vocês vão embora dizendo que já deu a hora e suas mães estão chamando. Somos crianças e "O Atirador", de Lenine, se repete, toca como um mantra no som do carro.